

TrAbalHo, iNfância e gêNero nas pRimeiras dÉcAdas dO séCuLo XX

mi museu da imigração do estado de são paulo

PARA CÔMEÇÕ DE CÔNVERSA...

O Museu da Imigração se localiza entre os bairros do Brás e da Mooca, na zona leste de São Paulo, historicamente ocupados por comunidades migrantes que se fixaram na cidade em busca de trabalho, principalmente durante o processo de industrialização destes bairros, nas primeiras décadas do século XX.

Esta ocupação se materializa nos edifícios, nas antigas fábricas e na construção de casas operárias que ainda podem ser vistas em algumas ruas destes e de outros bairros de São Paulo. Não só, no entanto, mas também se manifesta no movimento operário, na conquista dos trabalhadores, na participação de mulheres na vida política e laboral e na proibição do trabalho infantil. Infelizmente, estas e outras tantas formas, nem sempre são visíveis.

Este material não fala, portanto, da perspectiva de construções, mas de pessoas e do modo como elas se organizavam em torno do trabalho, não só como forma de sobrevivência, mas como maneira de construir um lugar social no mundo. Você já parou para refletir como isso aconteceu e acontece no lugar em que você mora? Que grupos fizeram parte desse processo e como você se vê refletido nestas conquistas?

Para nós, é muito importante saber o quanto esse material te ajudou nas suas pesquisas sobre o tema. Dúvidas, sugestões, elogios e críticas podem ser enviadas para o e-mail educativo@museudaimigracao.org.br. Não esqueça de falar no e-mail o material educativo que você está usando.

Boa leitura!

A CIDADE E O TRABALHO

Os migrantes que vieram, inicialmente, para o trabalho nas fazendas de café foram fundamentais no processo de industrialização de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Às vezes no papel de industriais, donos das fábricas, ou, majoritariamente, ocupando a posição de operários*. Bairros como Bixiga, Liberdade, Brás e Barra Funda historicamente também foram ocupados pela população negra alforriada que participava ativamente da vida comercial da cidade.

Ir para a cidade não era a primeira opção do migrante, visto que no trabalho rural das fazendas de café lhe era prometido, entre outras coisas, uma porção de terra arrendada para pequenas produções de subsistência e venda, além do financiamento facilitado de propriedades rurais. O árduo regime de trabalho nas fábricas, composto por jornadas exaustivas que chegavam até 14 horas (1), alto índice de mortalidade nas máquinas e baixos salários, também eram fatores de desmotivação (2).

*operário: De "operar", que vem do Latim *operare*, "trabalhar, realizar um esforço", de *opera*, "trabalho, atividade, esforço", relacionado a *opus*, "trabalho".

(1) DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *INDÚSTRIA, TRABALHO E COTIDIANO: Brasil – 1889 a 1930*. São Paulo: Atual, 1991. – (História em documentos).

(2) <https://doi.org/10.1590/S2178-14942017000200011>

Ainda em 1920, passado o grande fluxo migratório da virada do século, mais da metade da mão-de-obra operária na cidade de São Paulo era composta de trabalhadores migrantes, em sua maioria originários de países europeus, como os espanhóis, italianos e portugueses (3). Para algumas nacionalidades, em fábricas pertencentes a imigrantes, também era coletado uma porcentagem em cima do salário, uma contribuição "pró-pátria", destinada aos países de origem e descontados no momento do pagamento, minguando ainda mais a fonte de renda dos trabalhadores (4).

(3) BATALHA, Claudio. *O movimento operário na Primeira República*, 200, Ed. Zahar.

(4) GONÇALVES, Rino G. Siqueira. *Imprensa, trabalhadores e democracia: São Paulo de patrões e empregados, as avenidas dos interesses e as vielas da necessidade*. XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 2020

(5) LEÃO, Richard Douglas Coelho. SANTOS, Matheus Henrique de Souza, São Paulo e suas contradições: processos de expansão da cidade e segregação urbana. *REDD- Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, vol. 10 n. 2 2018.

Dada a ocupação de alguns bairros mais centrais da cidade de São Paulo, como a Liberdade e a Sé, foram realizadas obras de urbanização ainda na década de 1910 com caráter higienista, destinadas a "reorganizar o centro urbano" aproximando dos moldes europeus, como os processos realizados na cidade de Paris por Georges-Eugène Haussmann entre os anos de 1850 e 1870 (5). Em São Paulo, estas obras tiveram como principal consequência a criação de *bulevares* e o afastamento das populações mais pobres do centro da capital, com a consequente ocupação de bairros mais pobres e periféricos em terrenos precários, seguindo o curso dos rios e da malha férrea. Este processo expandiu a ocupação urbana para além dos limites do século XIX, interligando outros agrupamentos urbanos que formam a cidade de São Paulo.

"Não resta dúvida que as principais áreas industriais acompanham as vias-férreas: Brás, Belenzinho, Tatuapé, Comendador Ermelino e São Miguel Paulista, ao longo dos trilhos da 'Central do Brasil'; ainda o Brás, Pari, Mooca, Ipiranga, São Caetano do Sul e Santo André, acompanhando a 'Santos-Jundiaí'; Barra Funda, Água Branca, Lapa e Osasco, servidas tanto por esta via-férrea, como pela 'Sorocabana'. Mas, inegavelmente, foi a função industrial, mais do que outro qualquer fator, que ocasionou seu crescimento e sua expansão na área. O fato de terem as estradas de ferro aproveitado os vales, onde os terrenos podiam ser obtidos a baixos preços por não serem apreciados como locais de residência, atraiu a instalação de estabelecimentos fabris. Cresceu, deste modo, a área urbanizada e as várzeas do Tamanduateí e do Tietê, naqueles trechos, deixaram de ficar ao abandono". (PETRONE, 1955, pg. 129)

Com a construção de fábricas nestes (não tão) novos loteamentos humanos, começaram a surgir vilas operárias, construções em série realizadas em volta dos galpões destinados às famílias trabalhadoras destas fábricas. Um exemplo de vila operária que pode ser vista ainda hoje é a Vila Maria Zélia (1910), localizada no Bairro do Belém.

População na cidade de São Paulo:

1872	31.385
1890	64.934
1900	239.820
1920	579.033
1940	1.326.261

PERGUNTAS DISPARADORAS

- Como são as casas da sua rua?
- No bairro em que você mora existe alguma fábrica ativa ou abandonada?

GREVE DE 1917 E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

São Paulo foi palco da primeira Greve Geral de 1917. A paralisação teve início no Cotonifício Crespi, indústria do ramo têxtil, localizada no bairro da Mooca. A classe trabalhadora feminina esteve na linha de frente do movimento, reivindicando dignas condições de trabalho, reajuste salarial, diminuição da jornada de trabalho, fim do trabalho infantil e do trabalho noturno para as mulheres e, por fim, a licença maternidade. As reivindicações femininas juntaram-se a outras do movimento: aumento de 20% nos salários, desfalcados em relação ao aumento dos itens de subsistência geral, por conta da inflação do entreguerras, jornada de trabalho de 8 horas (contra as 13 ou 14 geralmente trabalhadas), semana inglesa (44 horas semanais divididas em 5 dias na semana), redução no preço de aluguéis e bens de consumo básicos, direito à sindicalização e recontração dos grevistas demitidos e pagamento da comissão pró-pátria. A Greve de 1917 também denunciou a miséria social vivida pela classe trabalhadora e a revolta do operariado que era a força motriz do trabalho da cidade de São Paulo.

PERGUNTAS DISPARADORAS

- Na contemporaneidade, quais são as ações afirmativas que buscam garantir uma maior participação feminina na vida política?
- Por que a igualdade entre homens e mulheres no mundo do trabalho e na política é tão importante e ao mesmo tempo um debate tão atual?

Mesmo as mulheres não sendo lideranças do Movimento Operário e com restrita participação nos sindicatos, suas reivindicações foram inseridas na pauta do movimento. Mas, em contrapartida, podemos refletir sobre quais poderiam ser os motivos da baixa participação das mulheres nestes espaços de poder? Será que as mulheres tinham liberdade para compartilhar suas ideias? Será que a classe feminina não se organizava ou foram, paralelamente, encontrando outras possibilidades e formas de organização política? O fato é que os sindicatos, assim como outras organizações, se espelhavam no modelo de sociedade patriarcal com estruturas rígidas e excludentes, que dificultavam a inserção das mulheres.

A presença feminina era significativa nas fábricas, as mulheres ocupavam cerca de 34% dos postos de trabalho e, no ramo têxtil, a presença feminina nas fábricas superava o número de homens trabalhadores. Havia também uma discrepância salarial entre homens e mulheres que trabalham nas fábricas, as mulheres chegavam a ganhar 55% a menos do que os homens. Com a visibilidade das pautas femininas na Greve de 1917, surgem outras reivindicações que vão além da igualdade de salários. Emancipar as mulheres por meio do voto passa a ser a reivindicação central da classe feminina.

CRIANÇA TRABALHA?

As reivindicações da Greve Geral também se voltaram para as crianças e criou-se em 1917 o Comitê Popular de Agitação contra a exploração infantil. Era necessário denunciar a precarização, a vulnerabilidade do trabalho infantil e os acidentes sofridos pelas crianças. Com o trabalho fabril a todo vapor nas primeiras décadas do século XX, foi a atividade que mais utilizou a mão de obra infantil que era de grande valia para o desenvolvimento da indústria têxtil. Vale lembrar que as crianças também foram peça fundamental nos movimentos que reivindicavam por melhores condições de trabalho.

Sensibilizar a sociedade em relação a exploração do trabalho infantil foi uma luta do movimento operário e das mulheres. O direito à infância era e ainda é ameaçado pela "cultura do trabalho infantil". As crianças são estimuladas desde muito cedo a exercer um ofício e, desta forma, o trabalho tem um papel de "dignificação humana" com o objetivo de moldar os corpos infantis para a vida adulta e para o trabalho. Este discurso era utilizado como argumento pelos industriais em um momento em que o setor têxtil no Brasil passava por uma ampliação. Habituar as crianças ao trabalho era uma forma de mantê-las longe das ruas e da vagabundagem.

Esta dinâmica do trabalho infantil foi extremamente criticada por diversos setores da sociedade civil que pensavam nas consequências do trabalho para as crianças, que podiam perder sua inteligência, atrofiar seus músculos e impedir seu crescimento físico.

O discurso da dignificação humana, encobria as violências que as crianças sofriam ao se inserirem no mundo do trabalho e na lógica adulta. As crianças, mesmo dentro do ambiente hostil das fábricas, criavam sua resistência infantil. As brincadeiras dentro das fábricas, frearam a produção.

O que diferenciava as crianças dos adultos era a remuneração. Mulheres e crianças recebiam menos que os homens e a jornada de trabalho chegava a 14 horas diárias. Nas fábricas paulistas no ano de 1912, cerca de 30% dos trabalhadores empregados no ramo têxtil eram compostos por crianças. Este número, em 1919 chega a 40%. Havia também outros ofícios na cidade de São Paulo que requisitavam mão de obra de menores, o trabalho doméstico era um deles.

PERGUNTA DISPARADORA

O trabalho infantil com o passar do tempo se reconfigura e se apresenta de outras formas. Andando pela cidade você observa essas novas configurações do trabalho infantil para além das que já conhecemos?

PARA SABER MAIS: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cano, Wilson. **Raízes da contratação industrial em São Paulo**. São Paulo: Difel, 1977.

Dean, Warren, **A industrialização de São Paulo (1880-1945)**. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Difel; Edusp, 1971. (Corpo e Alma do Brasil, XXXII).

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920/1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Coleção Oficinas da História, v. 3).

GATTAZ, André Castanheira. **Braços da resistência, uma história oral da imigração espanhola**. São Paulo: Xamã, 1996.

GRAHAM, Douglas; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Migrações internas no Brasil, 1972-1970**. São Paulo, 1984.

PETRONE, Pasquale. **A cidade de São Paulo no século XX**. Revista de História, v. 10, n. 21-22, p. 127-170, 1955.

TOLEDO, Edilene. **Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917**. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 30, nº 61, p. 497-518, maio-agosto 2017.

PETRONE, Pasquale. **A cidade de São Paulo no século XX**. Revista de História, v. 10, n. 21-

BATALHA, Cláudio. **O movimento operário na Primeira República**. 2000. Ed. Zahar.

GONÇALVES, Rino G. Siqueira. **Imprensa, trabalhadores e democracia: São Paulo de patrões e empregados, as avenidas dos interesses e as vias da necessidade**. XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. 2020.

LEÃO, Richard Douglas Coelho. SANTOS, Matheus Henrique de Souza. **São Paulo e suas contradições: processos de expansão da cidade e segregação urbana**. REDD- Revista Espaço de Diálogo e Desconexão. vol. 10 n. 2.

TOLEDO, Edilene. **Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917**. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 30, nº 61, p. 497-518, maio-agosto 2017.

CAETANO, Bruna. **Mulheres estavam na linha de frente da primeira greve geral da história do Brasil**. Brasil de Fato, São Paulo, 01 mai. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/01/mulheres-estavam-na-linha-de-frente-da-primeira-greve-geral-da-historia-do-brasil>. Acesso em 20 out. 2023.

OLIVEIRA, T. J. Januária Teive de Oliveira. **Lobby das meninas: a mulher na constituinte de 1987/88**. Que república é essa? Portal Estudos do Brasil Republicano, São Paulo, 19 mar. 2020. Disponível em: <http://querepublicaeessa.an.gov.br/temas/213-lobby-das-meninas.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

MODELLI, Laís. **Constituição de 1988 foi avanço nos direitos das mulheres**. Carta Capital, São Paulo, 5 out. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/constituicao-de-1988-foi-avanco-nos-direitos-das-mulheres/>. Acesso em: 20 out. 2023.

PIRES, Isabela; FONTES, Paulo. **Crianças nas fábricas: o trabalho infantil na Indústria Têxtil carioca na Primeira República**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n.30, e 0101, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312302020e0101>. Acesso em: 20 out. 2023.

FRACCARO, G. C. C. **Mulheres, sindicato e organização política nas greves de 1917 em São Paulo**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 37, nº 76, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/THvpNy5TDW34ZgVDKgCFvBR/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2023.



museu da imigração
do estado de são paulo

Concepção do material

Redação: Guilherme Ramalho dos Santos e
Raquel Aparecida de Freitas

Design gráfico: Isabela De Vita Jaha

Núcleo educativo

Henrique Trindade Abreu

Alexandre Cardoso Santos

Gabriel da Silva França

Gabriela dos Santos

Isabela De Vita Jaha

Julia Harumi Haji

Luana Lima de Jesus

Raquel Aparecida de Freitas

Renata Aparecida Antunes da Silva

Ricardo Lima Araújo



Rua Visconde de Parnaíba, 1316, Mooca, São Paulo - SP



(11) 2692-1866



museudaimigracao@museudaimigracao.org.br



@museudaimigracao



Terça-feira a sábado, das 9h às 18h, e domingos das 10h
às 18h (Fechamento da bilheteria às 17h)